Série Saúde Mental Coletiva

CUIDADOS CULTURAIS, SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

Magda Dimenstein e Ana Carolina Rios Simoni (Orgs.)



editora
redeunida

ORGANIZADORAS

Magda Dimenstein
Ana Carolina Rios Simoni

Série Saúde Mental Coletiva

CUIDADOS CULTURAIS, SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

1ª Edição
Porto Alegre
2026

editora
redeunida

Comissão Executiva Editorial
Alana Santos de Souza
Jaqueline Miotto Guarnieri
Camila Fontana Roman
Carolina Araújo Londero

Diagramação
Lucia Pouchain

Arte da capa
Maria Luiza de Sousa Lopes
Maria Vitória Nunes Souza
Maria Rita Suassuna Holanda

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C966

Cuidados Culturais, Saúde Mental e Atenção Psicossocial / Magda Dimenstein; Ana Carolina Rios Simoni (Organizadores) – 1. ed. -- Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2026.

660 p. (Série Saúde Mental Coletiva, v.14).

E-book: 6.20 Mb; PDF

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5462-297-4

DOI: 10.18310/9786554622974

1. Cuidados Culturais. 2. Determinação Social da Saúde Mental. 3. Interseccionalidade. 4. Formação em Saúde. 5. Equidade. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

NLM WM 420,5

CDU 364.62

Catalogação elaborada pela bibliotecária Alana Santos de Souza - CRB 10/2738

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre – RS. Fone: (51) 3391-1252

www.redeunida.org.br

editora
redeunida

CAPÍTULO 26

SAÚDE MENTAL E BEM VIVER: DESATANDO NÓS E ENTRELAÇANDO CULTURAS COM MULHERES MIGRANTES DE TRÊS REGIÕES DO BRASIL

Simone Mainieri Paulon, Élida Azevedo Hennington, Lisiane Aguiar, Dário Frederico Pasche, Rodrigo Lages e Silva, Suellen Ferreira Luz, Corina Evelin Demarchi Villalón e Juliane Chaves

Apresentação

A mobilidade humana tem sido um dos principais desafios globais na atualidade, incluindo o crescente processo de feminização das experiências migratórias em nível mundial. Estima-se que no ano de 2020 cerca de 281 milhões de pessoas encontravam-se na condição de migrante, o que equivale a 3,6% da população mundial e, desse total, quase metade são mulheres (OIM, 2024). Durante muito tempo, a mulher migrante foi invisibilizada nos estudos, análises dos processos migratórios, como se o ato de migrar não lhe conferisse agência ou o exercício de escolhas em relação às suas vidas (SANTOS; FETZNER, 2019).

Estudos recentes indicam que cada vez mais mulheres jovens migram de modo independente, buscando novas possibilidades de estudo e trabalho e ocupando o lugar de chefes de família (ASSIS, 2007). Em comparação com os migrantes do sexo masculino, é frequente que elas enfrentem uma dupla discriminação no país de destino: como migrantes e como mulheres. No

caso das mulheres negras, as desigualdades de gênero se entrelaçam com a discriminação racial. Violência de gênero, xenofobia, racismo, misoginia e segregação laboral são experiências comuns entre mulheres migrantes, principalmente pessoas refugiadas, negras e de baixa renda (DUTRA, 2013; MUASSINLE; SILVA; GUILHERME, 2023).

Acompanhando a tendência global de feminização das migrações, cresce o contingente de mulheres que buscam melhorar ou reconstruir suas vidas no Brasil (TONHATI; CÓRDOVA, 2023). Em suas inúmeras nacionalidades, origens étnico-raciais e culturais, observam-se fragilidades nas políticas públicas, ainda pouco sensíveis às demandas dessa população. As sobreposições de opressões que incidem sobre mulheres migrantes e refugiadas exigem um olhar feminista, transcultural e interseccional que permita uma aproximação às especificidades que esses deslocamentos envolvem, superando fórmulas universais e biologizantes de se abordar uma realidade complexa (HENNINGTON; PAULON, 2024).

A partir deste cenário, um grupo de pesquisadora/es de três distintos centros de pesquisa e de três regiões distantes do Brasil (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS; Universidade Federal de Roraima - UFRR e Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz) estruturou um estudo multicêntrico sobre a complexidade das experiências de mulheres migrantes no Brasil, tendo como foco as questões da Saúde Mental, Trabalho e Bem Viver. O objetivo era compreender as estratégias de produção de saúde e resistência às opressões de gênero, raça e classe construídas por mulheres migrantes e refugiadas nas cidades de Porto Alegre, Rio de Janeiro e Boa Vista. A pesquisa foi desenvolvida entre 2022 e 2025 e contou com a participação de mulheres pesquisadoras migrantes de diferentes nacionalidades na própria composição da equipe.

Além dos distintos sotaques e culturas já presentes entre as regiões sul, sudeste e norte do Brasil, contempladas no estudo multicêntrico, os três programas de pós-graduação envolvidos incluem, também, diferentes áreas do conhecimento – psicologia social, saúde coletiva, comunicação social e

educação. Mais do que reunir um grupo interdisciplinar e multicultural para um estudo cujo tema-foco demandava uma abertura às singularidades das participantes, apostou-se numa composição de vozes que buscou fomentar o caráter da experimentação implicada ao longo do processo investigativo.

Sustentada no método da cartografia, a Pesquisa-Intervenção Participativa (PIP) aqui apresentada parte da premissa ético-política de "planejar-executar-avaliar com", instaurando processos gestionários coletivos, desde a construção do problema, às análises e restituições dos resultados. As estratégias que viabilizam tal proposta metodológica foram traçadas de modo a favorecer o compartilhamento de diferentes experiências de migrar, as trocas interculturais e a inclusão das participantes na produção de conhecimentos acerca de si e de seus contextos de vida. Para tanto, as tecnologias de pesquisa incluíram desde a elaboração de materiais informativos das cidades até a construção de instrumentos de acompanhamento e avaliação do estudo, rodas de conversa, criação de roteiros, condução e/ou participação em oficinas de produção audiovisual.

Na busca de que o próprio desenho da pesquisa pudesse afirmar a inseparabilidade entre cuidar, acolher e conhecer, a cartografia fez-se, ela mesma, como uma trama de diversidades de línguas e saberes, tendo em vista a composição da equipe como um coletivo de pessoas de diferentes nacionalidades que atuam em distintas áreas do conhecimento[25]. Análogo à ruptura epistêmica, política e metodológica legada pelo institucionalismo francês[26] e reiterada por autores/as latino-americano/as[27], ao afirmar que era

25 Ao longo de seus 3 anos de duração, entre 2022 e 2025, dezessete pessoas participaram da investigação, caracterizando um grupo interdisciplinar (Psicologia, Educação, Comunicação, Letras, Saúde Coletiva e Ciência Política), interinstitucional (UFRGS, UFRR, Fiocruz) e multicêntrico (Porto Alegre, Boa Vista e Rio de Janeiro), composto por 5 docentes pesquisadora/es, 2 pesquisadoras com mestrado, 2 mestrandas, 3 doutorandas, 3 graduandas em participação voluntária, e outras 2 como bolsistas de iniciação científica.

26 As proposições do institucionalismo ou Movimento Institucionalista, desenvolvido principalmente entre as décadas de 50 a 70, do século XX, a partir da França, englobam diferentes disciplinas, ciências e orientações teóricas que aspiravam promover um conjunto de práticas voltadas a fomentar processos de auto análise e autogestão dos coletivos, com vistas a produzir transformações sociais. Entre as principais correntes e pensadores desse movimento, destacam-se os trabalhos precursores da Psicoterapia Institucional (Tosquelles, J. Oury, Guattari); da Pedagogia Institucional (Fonvieille, Vasquez e F. Oury); seguidos da análise institucional, proposta por George Lapassade e René Lourau; e a esquizoanálise de Deleuze e Guattari. Para mais detalhes do tema ver Paulon (2009) e Rodrigues (2000).

27 Na América Latina, a partir da década de 1960, intelectuais como Paulo Freire (1968), Orlando Fals Borda (2009), Maritza Montero (2006) e Mario Kaplún (1987), entre outros, passaram a propor alternativas de pesquisa e de transformação social em contraposição às perspectivas desenvolvimentistas então hegemônicas na região (Beltrán, 2005).

preciso "transformar para conhecer", a ideia aqui era não de uma primazia do conhecimento para orientar um certo modo de cuidar, mas o de tecer coletivamente um cuidado intercultural como forma mais coerente e emancipadora de conhecer.

A composição, portanto, de uma equipe híbrida em termos de nacionalidades, áreas de conhecimento, níveis de formação, culturas regionais, gênero e raça afirma-se, no presente estudo, como um gesto ético-político, visando uma abertura no modo de pensar-elaborar-fazer a circulação de saberes interculturais. O princípio estruturante não só do desenho metodológico, mas das parcerias teóricas em estudos decoloniais que percorrem esta investigação, é o de que a diversidade acrescenta rigor ao saber científico-acadêmico, fortalecendo o diálogo com a complexidade e contemplando os vetores de forças que atravessam a temática em foco.

Nesta perspectiva, para abordar os efeitos dos deslocamentos forçados na saúde mental de mulheres migrantes, o capítulo que segue apresenta a interlocução privilegiada que pesquisadoras de diversas nacionalidades estabeleceram com outras mulheres migrantes, nas três capitais brasileiras envolvidas no estudo. Uma concepção de saúde mental que se aproxima à noção de Bem Viver será apresentada entre os resultados colhidos no percurso de pesquisa-intervenção participativa que procurou enfatizar as estratégias produtoras de saúde, e não apenas os sofrimentos emergentes dos processos migratórios das participantes.

Bem Viver: estratégias coletivizantes de enfrentamento para além do bem-estar

O conceito de Bem Viver foi uma aposta presente nessa pesquisa desde a elaboração do seu projeto. Com ele vislumbramos a possibilidade de falar da "saúde mental" com um vocabulário menos atrelado a concepções eurocentradas,

psicologizantes e psiquiatrizantes da experiência subjetiva, ao mesmo tempo que evitávamos certas capturas neoliberais e individualizantes associadas ao uso da expressão "bem-estar". Na revisão narrativa[28] que realizamos, contudo, o conceito de Bem Viver demonstrou-se ausente dos resultados encontrados a partir dos buscadores utilizados (Scielo, Scopus e BVS). O que apareceu com relativa frequência foi o termo bem-estar ou "well-being", o que não é de se estranhar uma vez que é um conceito consolidado na tradição da social-democracia europeia e do estado de bem-estar estadunidense.

Na entrevista publicada pelo Movimento Trópico (FALEIROS, 2023), o líder indígena, jornalista e ambientalista brasileiro, Ailton Krenak afirma que traduzir "Sumak Kawsay" como "Bem Viver" (ou *well-being*) é um empobrecimento do sentido original, porque se trata de um modo de ser no mundo, uma experiência sensorial, relacional e espiritual, que não cabe numa palavra de uso corrente: "Traduzir *sumak kawsay* para 'bem viver' é uma redução[29]. É uma experiência de imersão, de relação com o território e com a vida, que se perde quando se coloca em uma fórmula simplificada" (FALEIROS, 2023).

28 A pesquisa bibliográfica da investigação foi construída uma base de dados com objetivo de cartografar os sentidos que vêm sendo produzidos acerca das temáticas 'migração internacional-mulheres-saúde mental-bem viver' em estudos no campo acadêmico-científico. O processo de construção desse conjunto de dados foi realizado utilizando o gerenciador de referências Zotero e buscando no Portal de Periódicos CAPES e na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) os termos (Imigrantes OR Emigrantes OR expatriados OR refugees OR Emigração e Imigração OR Human Migration OR Emigration and Immigration OR Settlement and Resettlement OR Migração Internacional) AND (Mulher* OR Human Female OR Gênero OR Woman OR Women OR Violência doméstica) AND (Saúde Mental OR Transtorno Psiquico OR Transtorno Mental OR Sofrimento Psíquico OR Sofrimento Mental OR Louc* OR Enlou*), resultando em 58 resultados no portal Periódicos CAPES e 26 na Biblioteca Virtual em Saúde. Com o intuito de encontrar textos mais relacionados com saúde mental, fizemos uma busca na base da American Psychol.

29 A tradução do conceito Sumak Kawsay para a expressão "bem viver" constitui um processo complexo de transposição semântica e cultural que envolve tanto reduções quanto deslocamentos de sentido. Criado como neologismo em quíchua na década de 1980 por organizações indígenas, o termo articula dimensões cosmológicas, políticas e éticas de um modo de vida ancestral, centrado na plenitude, na harmonia e na interdependência entre seres humanos e natureza. Embora difundido em português e espanhol como "bem viver", estudiosos do quíchua argumentam que a tradução mais precisa seria "vida em plenitude", dada a amplitude semântica de sumak (beleza, ideal, realização) e kawsay (vida digna, equilibrada). A tradução para bem-viver, ainda que tenha possibilitado sua circulação em espaços institucionais — a exemplo de sua inclusão nas constituições do Equador (2008) e da Bolívia (2009) —, também pode restringir a densidade conceitual do termo, aproximando-o excessivamente de categorias ocidentais de bem-estar. O uso do termo bem-viver deve ser entendido não apenas como equivalência linguística, mas como operação política e epistêmica que coloca em disputa paradigmas de desenvolvimento, sustentabilidade e justiça social no contexto latino-americano contemporâneo.

A revisão narrativa que realizamos encontrou, via de regra, neste indexador, artigos relacionados à percepção de bem-estar de mulheres migrantes com destino migratório sul-norte global, ou para indicar o que grupos de mulheres entendiam como obstáculos ao bem-estar decorrentes da experiência migratória. Alguns desses artigos trabalhavam sob a perspectiva do "sofrimento social" (KLEINMAN, 1997) ou da "síndrome de Ulisses" (ACHOTEGUI, 2008) como modo de mencionar os agravos ao "bem-estar" experimentado por mulheres migrantes, tentando, mesmo sem sucesso, evitar o uso de um vocabulário psicopatologizante.

Entendemos que os conceitos de "sofrimento social "e de "síndrome de Ulisses" são insuficientes para análise do tema em foco, sobretudo, porque não são capazes de expressar ou de nomear as estratégias afirmativas de cuidado exercidas por mulheres migrantes. O limite desta leitura do bem-estar como um estado no qual estão ausentes os agravos ou os prejuízos decorrentes da experiência migratória, ou das violências e precariedades vividas no país de origem é que não contempla os saberes, práticas, princípios e estratégias usadas por mulheres para construir uma vida digna de ser vivida.

Um acontecimento de pesquisa digno de nota foi o fato de que essa ausência de resultados de artigos com o termo "Bem Viver" nas buscas realizadas nas plataformas Scielo, Scopus e BVS demonstrou também refletir um viés hegemônico nos sistemas de busca. Utilizando-se dos mesmos termos no Google acadêmico, a pesquisadora venezuelana componente da equipe, Dra. Norah Gamboa, obteve diversos artigos relacionando o Bem Viver às práticas de mulheres migrantes. Muitas das revistas consultadas por esta pesquisadora da UFRR, também são indexadas nas três plataformas utilizadas como base de busca inicial desta pesquisa.

O fenômeno da "perfilação" (BRUNO, 2016) em algoritmos de busca acadêmica nos sugere que conforme o histórico de pesquisas e o perfil da pesquisadora, os algoritmos entregam resultados distintos. Deduz-se daí este como apenas mais um dos atravessamentos da colonialidade nas pesquisas com

mulheres migrantes. Outros atravessamentos colonizadores incluem o próprio método científico que parte de uma base estrutural (objetividade, individualidade, repetição, sistematização, neutralidade) associada a valores iluministas tipicamente coloniais (ANDREWS, 2023). São também atravessamentos que apontam uma perspectiva de institucionalização do cuidado em saúde e de trabalho especializado em saúde (medicina, em especial, a psiquiatria, psicologia, enfermagem etc.) que repete políticas disciplinares e biopolíticas típicas do olhar colonial (BEZERRA et al., 2023; FOUCAULT, 2008).

Na atual sociedade algorítmica, acrescenta-se ainda a ótica da gestão da informação e da produção de dados, que conserva uma perspectiva racista e colonial no modo como conduz condutas e agencia cognições (O'NEIL, 2017; SANTOS et al., 2023). Algumas observações preliminares sobre a noção de Bem Viver na promoção do cuidado por mulheres migrantes publicamos no artigo sobre o tema (LAGES; SILVA et al., 2023), quando observamos que

> (...) com o conceito de bem-viver, a partir das nuances legadas pelo saber indígena, encontramos pistas profícuas para o estabelecimento de políticas ditas de "promoção de saúde" que de fato tenham como fundamento à sustentação na esfera e no espaço público da presença e do modo de vida das pessoas migrantes enquanto legítimas, autônomas e dignas, sem necessidade de serem traduzidas para o léxico universalizante dos saberes colonizados e colonizadores (p.22).

Na ocasião da revisão sistemática, aprofundamos a diferenciação entre o conceito de bem-estar e o de Bem Viver, compreendendo que o primeiro está, via de regra, próximo da noção de qualidade de vida. Essa noção, contudo, ao contrário do que se poderia supor, não levou a uma análise de fatores que qualificam a vida ou a deixam melhor de ser vivida, mas a uma identificação de elementos que agravam a saúde mental. Qualidade de vida aparece como um estado neutro e espontâneo que surge quando estão ausentes os elementos que se interpõem à vida pensada como "normal" e, nesse sentido, reifica uma perspectiva normativa e hegemônica do que seria a vida "boa", reproduzindo

desta forma vieses culturais, de raça, de classe e de gênero, e invisibilizando práticas e valores importantes para grupos migratórios, em especial de mulheres negras e/ou do sul global.

O que vimos, por outro lado, pela via do Bem Viver e das práticas de cuidado coletivo, é que a integração entre cultura, espiritualidade, saberes tradicionais curativos e práticas alimentares são elementos que colaboram para a construção de uma saúde afirmativa do sentido da vida face à experiência de deslocamento.

Para Alberto Acosta (2016), o Bem Viver é uma filosofia em construção e está presente nas mais diversas culturas. É uma filosofia que se manifesta em múltiplas culturas como no *teko porã* dos guaranis, no ubuntu africano, no ecossocialismo, nas práticas solidárias como mutirões e mingas andinas, nas expressões culturais afro-brasileiras e na encíclica '*Laudato Si*' do Papa Francisco sobre o cuidado da casa comum (ACOSTA, 2016).

O Bem Viver carrega consigo essa indissociabilidade entre cuidado de si e cuidado coletivo que não é usualmente contemplada pela ótica da "saúde mental" e do "bem-estar". O conceito do Bem Viver, resgatado na ótica das epistemologias do sul, carrega a marca da transculturalidade, na medida em que não se utiliza da forma de pensar, ser e agir de uma determinada comunidade em especial, mas busca sua construção em diferentes partes do planeta, por diversas etnias, raças, povos, comunidades e populações. Por mais que tenha a sua origem em comunidades amazônicas e andinas, se observam práticas com o mesmo sentido acontecendo em diferentes partes do mundo. Essa aposta em afirmar o Bem Viver como um *suleador* (contrapondo a bússola epistêmica voltada ao norte global) na aproximação com a temática e com o campo de investigação não apenas marcou nossa pesquisa conceitual e teoricamente, como impactou seus caminhos e processos, tornando-se ao mesmo tempo uma discussão intelectual, uma militância política, um compromisso ético e um desafio metodológico.

A seguir trazemos alguns aportes que a construção coletiva do cuidado na ótica do Bem Viver nos legou, ao horizontalizar saberes e práticas em dispositivos de

"roda de conversa" com mulheres migrantes. Essas rodas contaram com a presença de mulheres migrantes em ambos os grupos, nos três campos de pesquisa, tanto participantes como pesquisadoras. Com efeito, as pesquisadoras também eram participantes, e construíam e se beneficiaram do cuidado no coletivo, superando dicotomias: *experts*-usuários, assistentes-assistidos.

Caminhando entre Fronteiras: itinerâncias pesquisantes

> E estando na pesquisa, (...) principalmente estando num país que não é meu, (...) eu acabo me estudando e acabo achando diferentes formas também pra me cuidar. E toda vez que eu escuto diferentes mulheres migrantes em roda de conversas, é sempre impactante, (...) é sempre um papo novo, é sempre uma nova experiência, é sempre um outro caso, e que sempre vai nos tocar. Então, o que a pesquisa produz em nós? Eu posso dizer que é uma reflexão para a vida.
> (Brice Gaelfie Bouaha, congolesa, pesquisadora migrante)

A temática que a pesquisa, sinteticamente intitulada de "Saúde mental das mulheres migrantes", propôs-se a trabalhar implicava o enfrentamento de dois desafios importantes em relação a processos investigativos com populações vulneráveis. O primeiro diz respeito ao público-alvo e o segundo ao tema da saúde mental, como um tema sensível.

Não foram raras as vezes em que as aproximações da equipe de pesquisa às mulheres migrantes das três capitais estudadas tiveram como reações imediatas um rechaço à ideia de participarem de mais um estudo sobre suas vidas e condições de precariedade em que a maioria da população migrante se encontra no Brasil. Acrescente-se a isto a proposição metodológica de uma pesquisa-intervenção qualitativa e participativa, que requer contratualizações, tempo para criação de vínculos, espaços de diálogo, tudo isto com um grupo de pessoas que estão

precarizadas em busca de emprego – em um contexto atravessado pelas lógicas da "uberização do trabalho" e pelo "empreendedorismo de si" (ANTUNES, 2023; ABÍLIO, 2021) —, sem redes de apoio para ajudar com os cuidados da casa e de filhos e têm dificuldades de se deslocarem nas cidades onde moram. A esse cenário soma-se, na atualidade, a vida regida pelos algoritmos — ou, em outros termos, a "economia psíquica dos algoritmos" — que intensifica os processos de individualização, ao mesmo tempo em que as redes sociais operam como dispositivos de captura do tempo (BRUNO; BENTES; FALTAY, 2019).

Entre os inúmeros desafios enfrentados por este estudo, um dos principais foi romper a barreira que a instituição pesquisa suscita com toda, historicamente justificada, resistência que a academia provoca ao realizar levantamentos unidirecionais, de caráter extrativista, que nunca ou raramente resultam em algum tipo de ganho aos sujeitos, transformados em meros objetos das investigações. Paradoxalmente, o tema da saúde mental evoca, ao mesmo tempo, a carga estigmatizante associada à loucura, desvios da norma e patologias, mas traz também consigo a possibilidade de um alívio ao sofrimento que a solidão e exigências que os processos migratórios carregam.

A proposição de uma modalidade de pesquisa que almeja dissolver fronteiras das tradicionais dicotomias entre sujeito-objeto, ação-reflexão, pesquisador-pesquisado, que caracterizam metodologias positivistas é, neste sentido, bem-vinda aos estudos com populações migrantes. No contraponto dessa perspectiva positivista, as pesquisas de caráter participativo partem de um olhar crítico à realidade social, assumem a posição de poder inerente à/o pesquisador/a acadêmico/a e intentam reduzir as desigualdades e distâncias entre saberes. Para tanto, requerem um exercício ético de que se renuncie à posição de *expert* e se aposte na produção de um conhecimento que emerja do diálogo, tecido em um processo autogestionário das análises e práticas de um campo que se apresenta desde a nascente da pesquisa.

Nesse sentido, a presença de pesquisadoras migrantes na equipe imprimiu nuances particulares à aproximação com as participantes em cada

campo. Ao promover uma diversidade encarnada dentro da própria equipe de pesquisa, foram introduzidas discussões fundamentais no processo investigativo, tanto em relação a mediações interculturais e modos situados de compreender a comunidade a partir de experiências de pertencimento, como em debates de ordem epistemológica.

É nesse ponto que emerge a indissociabilidade entre ser, acolher e conhecer. Essa "reflexão para a vida", que revela a impossibilidade de fragmentar as vivências e compartimentar a complexidade, como expressa uma das pesquisadoras migrantes da nossa equipe: "o tempo inteiro sou pesquisadora e o tempo inteiro também sou uma mulher migrante, as duas coisas estão aí o tempo todo" (Corina, argentina, pesquisadora migrante). As escolhas metodológicas desta pesquisa privilegiaram a escuta e o acolhimento que, ao aproximar-nos das interlocutoras, também nos aproximavam da nossa alteridade encarnada. Nesse movimento, o conhecimento produzido não se apresenta como neutro ou exterior, mas como conhecimento situado e encarnado (HARAWAY, 1995), produzido em experiências compartilhadas, autogestionárias e profundamente entrelaçadas entre sujeito e campo, evidenciando a inseparabilidade entre a pesquisa e a vida que ela investiga. Assim, foram privilegiados dispositivos de intervenção/ação no campo que se alinham com a perspectiva ético-política do acompanhamento de processos de produção de saúde-subjetividade e, para tanto, as rodas de conversa foram centrais no processo de colheita[30] de dados.

Seguindo a proposta de Campos (2000), as rodas de conversa buscam pôr lado a lado sujeitos diferentes, favorecendo o diálogo e a circulação da palavra. Mais do que um dispositivo comunicacional, constituem um espaço de lateralização, em que se embaralham os eixos tradicionais de poder, abrindo a possibilidade de produzir sentidos coletivos e de afirmar modos plurais de

30 Utilizamos "colheita de dados" em lugar de "coleta" para contrapor à ideia de produção de conhecimento como ato extrativo a noção de processo: semeadura, cuidado e colheita, assim como propõe Passos, E., & Kastrup, V. (2013). Um processo atravessado por temporalidades, cuidados e afetos. Essa escolha sublinha o caráter interventivo da pesquisa, em que os dados não são simplesmente retirados da realidade, mas produzidos em práticas coletivas e relacionais (SADE et al., 2013).

subjetivação. Pretende-se, assim, romper com as assimetrias entre pesquisador e participantes, ainda que esse processo nem sempre se realize de forma simples ou sem tensões.

O entendimento mais aprofundado sobre as experiências das mulheres migrantes reforça a importância de espaços de escuta e ação coletiva, capazes de revelar e aprofundar as estratégias de enfrentamento às estruturas que perpetuam desigualdades e exclusões, apoiando as formas de produção de saúde, na perspectiva do Bem Viver. Ao todo foram realizadas 9 rodas de conversa, 3 em cada campo (Boa Vista, Porto Alegre e Rio de Janeiro), para troca de saberes, reconhecimento dos desafios e violências que atravessam as experiências das migrantes, bem como as estratégias de enfrentamento e produção de saúde por elas construídas.

As rodas nos deram algumas pistas sobre pontos fundamentais considerados na análise dos resultados. A primeira delas, efeito das discussões sobre a participação das mulheres negras, indígenas, lésbicas, pessoas não binárias em pesquisas científicas, é a reafirmação da importância da não universalização da experiência migratória e a expressão das interseccionalidades dessas experiências. A segunda pista diz respeito às estratégias de sustentabilidade da vida por meio do trabalho, que apontaram o "empreendedorismo" como o modo de produção de renda mais prevalente entre as mulheres migrantes participantes. Nesse caso, as ocupações são representadas pelo trabalho por conta própria, informal e precário, em concorrência com outras modalidades de trabalho, sobretudo as de cuidado, mais prevalentes nos processos migratórios do norte global. Mas foi sobretudo nos modos de vida associados ao Bem Viver, com a criação de redes de apoio comunitárias, solidárias e em relação não extrativista com a natureza, que encontramos uma das estratégias mais potentes para enfrentar as dificuldades e violências que atravessam o processo migratório feminino no Brasil.

As violências relatadas — sobretudo a psicológica, moral, xenofóbica e racista — revelaram não apenas o impacto cotidiano dessas experiências na

vida das mulheres migrantes, mas também a urgência de políticas públicas específicas que assegurem formas de acolhimento interseccional. No campo da saúde mental, as participantes apontaram como fatores de desgaste a solidão, as barreiras linguísticas, a distância da rede familiar, as condições precárias de trabalho e a dificuldade de acesso a serviços e recursos básicos. As especificidades de cada trajetória adicionaram ainda camadas de complexidade: mulheres negras, mães, recém-chegadas, desempregadas ou marcadas por diferentes gerações vivenciaram de modos singulares esse conjunto de desafios, que se expressaram em sentimentos de ansiedade, tristeza, desânimo e perda de controle. No entanto, mesmo diante de tais adversidades, muitas demonstram resistência ativa, engajando-se em coletivos e buscando apoio psicológico e social como formas de cuidado e afirmação de suas subjetividades, como discutido na próxima seção. As próprias participantes também reconheceram as rodas de conversa organizadas pela pesquisa como estratégias de enfrentamento em si mesmas. Essa dimensão evidencia a relevância da PIP, em que a espiral escuta-reflexão-ação se materializa em espaços de escuta ativa capazes de promover o acolhimento coletivo das experiências migratórias e de seus desafios, ao mesmo tempo em que favorece a mobilização para agir em prol da comunidade.

Procurando a circulação e retorno do conhecimento aos grupos que o produzem, a concretização da dimensão interventiva e participativa da pesquisa se deu através da construção coletiva de três produtos: um e-book interativo, um podcast e um documentário. Os diferentes graus de implicação das mulheres participantes com a produção e divulgação de resultados foi fundamental para alcançar outras mulheres, que já estejam no Brasil ou que planejam fazer dele seu destino migratório, bem como instituições e organismos que trabalham com migrantes internacionais.

O e-book "De mulheres migrantes para mulheres migrantes: Mapeamento coletivo e afetivo de serviços e lugares de assistência, convivência e apoio à população migrante, refugiada e apátrida no Rio de Janeiro" (HENNINGTON et al., 2024) compôs um mapa interativo para

facilitar o acesso aos serviços e locais de lazer e apoio à população migrante disponibilizados naquela cidade[31]. A iniciativa de produzir esse guia surgiu das próprias rodas de conversa, quando as participantes identificaram a necessidade de compartilhar informações para que outras mulheres não passassem pelas mesmas dificuldades enfrentadas em seus processos de chegada. Trata-se de uma ação coletiva que revela sua agência política e o engajamento ativo em promover transformações em seu contexto imediato.

O ebook foi construído ao longo de três oficinas/rodas de conversa e implicou uma primeira etapa de conversa e escuta sobre os principais desafios de ser uma mulher migrante na cidade do Rio de Janeiro; uma segunda de mapeamento dos lugares e equipamentos públicos de atendimento e acesso a serviços e direitos para pessoas migrantes; e uma terceira de avaliação do material produzido. Não se trata apenas de uma lista de locais, mas de um guia atualizado, cuja eficiência e funcionamento foram corroborados por migrantes que utilizam e conhecem esses espaços e serviços. Esse processo implicou um cuidado especial em valorizar as experiências de quem vive e circula na cidade, transformando o saber prático dessas pessoas em conhecimento reconhecido, e não em meras informações que poderiam ser coletadas, por exemplo, na internet. Ao todo, 10 mulheres migrantes participaram como autoras do material publicado no repositório ARCA da Fiocruz. O ebook representou uma importante conquista das migrantes e um produto significativo àquele território, uma vez que, até então, não havia na cidade do Rio de Janeiro qualquer cartilha ou plataforma que reunisse de forma sistematizada os serviços voltados às pessoas migrantes.

O podcast "Mulheres em Deslo(U)camentos: Migração e Saúde Mental" (MULHERES MIGRANTES E BEM VIVER, 2025), por sua vez, reuniu histórias sobre Migração, Trabalho e Bem Viver em diálogos promovidos entre as pesquisadoras — em sua maioria também migrantes — e outras mulheres migrantes que participaram das rodas de conversa nos três

31 Saiba mais:Disponível em: https://arca.fiocruz.br/items/fdfdd3a0-6c97-4d00-be60-2822c15cea28. Acesso em: Maio de 2025

polos da pesquisa. As narrativas singulares evidenciam a complexidade das experiências migratórias no Brasil, articuladas em um mosaico que revela tanto os desafios quanto às possibilidades das variadas trajetórias costuradas e compartilhadas nos seis episódios que o compõem. Cada um dos episódios do podcast, veiculado nas plataformas Youtube e Spotify, está dedicado a um tema específico, sempre articulado aos resultados da pesquisa. O primeiro abordou Migrações Sul-Sul e Bem Viver no Brasil; o segundo episódio discutiu a presença e a atuação de pesquisadoras migrantes e militantes; o terceiro tratou do desafio de maternar entre fronteiras, com foco nas experiências de mulheres venezuelanas em Roraima; no quarto episódio foram explorados novos começos e estratégias de Bem Viver; o quinto apresentou reflexões sobre trajetos imprevisíveis e experiências de (re)migração; e o sexto e último episódio discutiu afetos e migração, trazendo à tona as múltiplas formas de vivenciar e produzir brasilidades no mundo. Mais do que apresentar resultados da pesquisa, o intuito do podcast foi divulgar histórias e formas de resistência das participantes, que evidenciam modos pelos quais mulheres, ao se deslocarem, produzem movimentos capazes de transformar realidades.

Por fim, o documentário "Mulheres Migrantes: Saúde Mental, Trabalho e Bem Viver" (MULHERES MIGRANTES E BEM VIVER, 2025), uma produção colaborativa e democrática de produção de cultura, permitiu uma maior e melhor visibilidade do processo de investigação por meio de produção artística intensiva que registra, divulga e afeta a história concreta de mulheres migrantes no Brasil. A peça audiovisual compilou, em 10 minutos, o processo da pesquisa participativa nas três cidades do estudo, cada uma com suas especificidades. O roteiro foi concebido coletivamente com as pesquisadoras migrantes que estiveram à frente das etapas de campo, o que exigiu um longo processo de ajustes, debates e revisões a fim de selecionarem, entre as quase cem horas de atividades de campo gravadas, os trechos mais expressivos de como as migrantes produzem saúde, em suas práticas cotidianas, que apontem à perspectiva do Bem Viver. Buscou-se captar testemunhos de

trajetórias que são repletas de emoções intensas e memórias dolorosas, mas, ao mesmo tempo, evitar um olhar vitimizante, que as colocasse em um lugar de pessoas exóticas a serem tratadas apenas a partir de suas vulnerabilidades. Sem negar os sofrimentos advindos de processo migratórios narrados pelas mulheres escutadas no decorrer da pesquisa, a compreensão de um modo de viver que busca a plenitude da convergência da beleza, da realização (*sumak*) ao equilíbrio (*kawsay*) fez-se ferramenta teórico-conceitual valiosa a uma cartografia interessada em focar às potências também presentes nos percursos daquelas que buscam fazer do Brasil sua nova morada.

O conjunto dessas produções, realizadas com o rigor ético e cuidados metodológicos que o tema e grupo escutado requer, visa ampliar o alcance da experiência investigativa à comunidade migrante diretamente interessada em seus resultados. Ao mesmo tempo, tais dispositivos permitem apontar, como efeito do encontro entre mulheres migrantes, o surgimento de uma coletividade que busca atuar e intervir no mundo, para fortalecer as suas comunidades e apoiar outras pessoas migrantes. Com isso, reafirmamos, **com** as participantes da pesquisa, a potência da produção de estratégias de saúde e Bem Viver, coletivas e comunitárias - incluídas as promovidas pela pesquisa - para o enfrentamento das vulnerabilidades produzidas no processo migratório feminino em nosso território.

Ouvindo as migrantes: saúde mental, coletividade e Bem Viver

A concepção de saúde mental que adotamos a partir dos resultados desta pesquisa contrasta uma visão patologizante que predomina nos estudos neste campo. Ao enfatizarmos as estratégias produtoras de saúde, tensionamos abordagens medicalizantes e individualizantes de pesquisas que enfocam, via de regra, diagnósticos psiquiátricos prevalentes entre as imigrantes. A noção de Bem Viver nos convida a reconhecer a vida das pessoas migrantes

numa perspectiva de partilha e aprendizagens mútuas. Desloca um olhar colonizador, ou lugar de senhorio, e insere uma dimensão complexa onde a diversidade ocupa espaços ativos na construção de uma sociedade múltipla e porosa (FERREIRA LUZ, 2022).

Em relação às estratégias de enfrentamento, observamos uma tendência de produção de modos de vida articulados a uma vida comunitária, característica do que vimos definindo por Bem Viver. Tais estratégias variaram em amplitude, quando comparamos os três pólos, possivelmente devido tanto às características territoriais e culturais da população migrante, quanto à estrutura de acolhimento e de acesso aos serviços e ao trabalho. Contrariando a tendência, na contemporaneidade, de produção de modos e práticas de vida preponderantemente individualizados - associados a um estado de satisfação, saúde física e emocional circunscrito por normas sociais gerais mais próximo, portanto, à noção de bem-estar -; a experiência migratória de mulheres aponta outras possibilidades. O estudo revelou que, seja em cidades como o Rio de Janeiro com mais de 6,7 milhões de habitantes, como Porto Alegre com mais de 1,3 milhão de habitantes, mas sobretudo em Boa Vista, uma cidade média com pouco mais de 485 mil habitantes, houve uma conformação de modos de relação e participação que se aproximam da ética do Bem Viver. Modos de viver em comunidade marcados pela reciprocidade e busca de harmonia entre as pessoas e a natureza.

Esta cosmovisão, que radicaliza as perspectivas de singularidade do cuidado, revelou-se, sobretudo, nas estratégias inventadas pelos coletivos migrantes para formação de redes de apoio femininas. O acompanhamento dos grupos nas três cidades revelou ampla participação das mulheres em coletivos já consolidados, tanto no Rio de Janeiro, quanto em Porto Alegre e sua região metropolitana. Contudo, destaca-se a maior prevalência desse tipo de participação em Boa Vista, o que pode ser associado à combinação entre a condição de maior vulnerabilização das mulheres em situação de refúgio, decorrente da crise humanitária em seu país de origem, e das dificuldades locais, seja no acesso a serviços essenciais, seja na inserção no mercado de trabalho.

Os espaços coletivos se mostraram de grande relevância, tendo em vista que as relações interpessoais trazem afetos sensíveis de histórias que se entrelaçam na busca de ampliar as possibilidades existenciais. A participação em atividades da pesquisa (rodas de conversa, oficinas, eventos, etc.) apareceu nos três campos como alternativa à inserção em coletivos de migrantes, referida como inusitada para algumas delas. As rodas de conversa, não raro, relacionavam a ampliação da potência política coletiva com experiências de pertencimento, quebra da solidão, tecitura de redes de apoio, o que demonstra que espaços coletivos como os propostos pela pesquisa, ainda que temporários, podem constituir-se como dispositivos de saúde mental.

É importante frisar que a dimensão continental e diversidade do território brasileiro já é uma problemática consolidada quando pensamos na produção de políticas sociais e gestão de políticas públicas, como o Sistema Único de Saúde (SUS). A migração, com isso, tanto reflete a amplitude dessa questão, quanto a incrementa, pois promove um tensionamento no sentido de nos forçar - pesquisadora/es, trabalhadoras/es, gestora/es, cidadãs e cidadãos - a pensar a inserção de novos e diferentes modos de existir neste complexo cenário.

Considerações finais: um sonho coletivo

Yo tengo un sueño grande y lo vivo todos los días:
una lucha que siento mía y retumba en todos los pechos
es um grito por los derechos.
Grande como todos los sueños que se murieron cuando tuve que ir,
pero ahora estoy aquí y tengo que resurgir.
(Lorena Garcia de Colmenarez, venezuelana,
pesquisadora migrante)

Propomos uma reversão conceitual-cosmológica em relação à noção de saúde, ao tomá-lo, não como conceito simples, mas que transborda porque, ao

mesmo tempo que sofre os efeitos dos diferentes cosmos, produz intervenções sobre estes. Desse modo, optamos por superar a noção de saúde restrita ao bem-estar, entendida como estado de satisfação física e emocional delimitado por normas sociais generalizantes. Assim, buscamos incluí-la, como propulsora de vida e de processos de subjetivação, no âmbito do Bem Viver, conceito que, ao valorizar a ancestralidade, retoma, por meio da afirmação do positivo da diferença (FANON, 2022), os saberes tradicionais e comunitários dos povos originários (ACOSTA, 2016).

A pesquisa foi ela mesma um exercício coletivo de pensarmos a mobilidade humana, sobretudo, em relação aos impactos vividos por mulheres migrantes. As escolhas teóricas, o horizonte conceitual, as práticas de cuidado e a resistência a categorias colonizadoras foram experiências construídas em processos de partilha. Dentro desse modo de operar, interrogamos a hierarquização dos saberes entre acadêmicos, científicos, empíricos, culturais e espirituais e abrimos espaço para o encontro entre epistemologias diversas. Apostamos, com isso, na sustentação de outras possibilidades de existência como ética de acolhimento a pessoas migrantes e nos posicionamos na defesa de que o Brasil pode inventar práticas de apoio e de cuidado que não reproduzam lógicas assistenciais eurocêntricas e neoliberais já tão naturalizadas quanto desgastadas. Um Brasil que, como canta Lorena Colmarez na canção-tema por ela criada durante a pesquisa, possa se tornar o lugar em que ela realize seu sonho grande de ressurgir (LORENA GARCIA PSICOLOGIA, 2025).

A mobilidade humana não é um tema individual, mas um acontecimento coletivo. O Bem Viver não se apresenta como uma solução total, uma instrumentalização do que é viver bem, tampouco uma cartilha moral. Trata-se, isso sim, da afirmação da abertura e da disponibilidade para o cuidado como um indicativo ético para a vida coletiva que é performado por mulheres migrantes e com o qual toda a sociedade tem algo a aprender no enfrentamento dos tempos desafiadores que vivemos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABÍLIO, L. C. Empreendedorismo, autogerenciamento subordinado ou viração? Uberização e o trabalhador just-in-time na periferia. **Contemporânea**, v. 11, n. 3, p. 933–955, 2021.

ACHOTEGUI, J. **Migración y crisis**: el síndrome del inmigrante con estrés crónico y múltiple (síndrome de Ulises). Barcelona: Editorial Bellaterra, 2008.

ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de T. Breda. São Paulo: Autonomia Literária; Editora Elefante, 2016.

ANDREWS, K. **A nova era do império**: como o racismo e o colonialismo ainda dominam o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

ANTUNES, R. Uberização do trabalho e capitalismo de plataforma: uma nova era de desantropomorfização do trabalho? **Análise Social**, v. 58, n. 248, p. 512–532, 2023.

ASSIS, G. O. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, n. 3, p. 745–772, 2007.

BEZERRA, P. A.; CAVALCANTI, P.; MOURA, L. B. A. Colonialidade e saúde: olhares cruzados entre os diferentes campos. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 33, e33025, 2023.

BRUNO, F. Rastrear, classificar, performar. **Ciência e Cultura**, v. 68, n. 1, p. 34–39, 2016.

BRUNO, F. G.; BENTES, A. C. F.; FALTAY, P. Economia psíquica dos algoritmos e laboratório de plataforma: mercado, ciência e modulação do comportamento. **Revista FAMECOS**, v. 26, n. 3, e33095, 2019.

CAMPOS, G. W. S. **Um método para análise e cogestão de coletivos**: a constituição do sujeito, a produção de valor de uso e a democracia em instituições: o método da roda. São Paulo: Hucitec, 2000.

DUTRA, D. Mulheres, migrantes, trabalhadoras: a segregação no mercado de trabalho. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 21, n. 40, p. 177–193, 2013.

FALEIROS, Á. **Ailton Krenak, tradutor do Bem Viver**. Outras Palavras, 7 jun. 2023. Disponível em: https://tropicomovimento.com.br/clipping/2023/ailton-krenak-tradutor-do-bem-viver.

FANON, F. **Os condenados da terra**. São Paulo: Zahar, 2022.

FERREIRA LUZ, S. **Presenças em mobilidade**: uma aprendizagem das co-moções. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HARAWAY, D. **Ciencia, cyborgs y mujeres**: la invención de la naturaleza. Madrid: Cátedra, 1995.

HENNINGTON, É. A. et al. (org.). **De mulheres migrantes para mulheres migrantes**: mapeamento coletivo e afetivo de serviços e lugares de assistência, convivência e apoio à população migrante, refugiada e apátrida no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2024.

HENNINGTON, É. A.; PAULON, S. M. Corpos em movimento, corpos que cuidam, corpos que trabalham: migração internacional na perspectiva de gênero. In: OLIVEIRA, M. H. B.; VASCONCELLOS, L. C. F.; VIANNA, M. B. (org.). **Vidas e caminhos em direitos humanos e saúde**. São Paulo: Hucitec, 2024. p. 41–52.

KLEINMAN, A. Introduction. In: KLEINMAN, A.; DAS, V.; LOCK, M. (org.). **Social suffering**. Berkeley: University of California Press, 1997. p. 9–27.

LAGES E SILVA, R. et al. O bem-viver e as práticas de cuidado com pessoas em deslocamento. **PERIPLOS: Revista de Investigação sobre Migrações**, v. 7, n. 2, p. 15–38, 2023.

LORENA GARCIA (PSICOLOGIA). **Sueño Migrante**. 18 fev. 2025. Vídeo (2min34s). Publicado pelo canal LORENA GARCIA (PSICOLOGIA). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2v3wmlmRr_0.

MUASSINLE, I. D. R.; SILVA, L. R.; GUILHERME, A. A. Violência contra mulheres imigrantes no Brasil na perspectiva de um estado do conhecimento. **Psico**, v. 54, n. 1, e38048, 2023.

MULHERES MIGRANTES E BEM VIVER. **Mulheres em Deslo(U)camentos: Migração e Saúde Mental**. [S. l.]: Spotify, 2025. Podcast.

MULHERES MIGRANTES E BEM VIVER. **Mulheres Migrantes: Saúde Mental, Trabalho e Bem Viver**. 6 set. 2025. Vídeo (11min32s). Publicado pelo canal Mulheres Migrantes e Bem-Viver. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YSyurbYRpso.

O'NEIL, C. **Weapons of math destruction**. New York: Penguin Books, 2017.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). **World migration report 2024**. Genebra: IOM, 2024.

PASSOS, E.; KASTRUP, V. Sobre a validação da pesquisa cartográfica: acesso à experiência, consistência e produção de efeitos. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 391–414, 2013.

PAULON, S. M. Instituição e intervenção institucional: percurso conceitual e percalços metodológicos. **Mnemosine**, v. 5, n. 2, 2009.

RODRIGUES, H. B. C. À beira da brecha: uma história da Análise Institucional francesa nos anos 60. In: AMARANTE, P. (org.). **Ensaios**: subjetividade, saúde mental, sociedade. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. p. 195–256.

SADE, C. et al. O uso da entrevista na pesquisa-intervenção participativa em saúde mental: o dispositivo GAM como entrevista coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 10, p. 2919–2928, 2013.

SANTOS, L. G. et al. Reconhecimento facial: tecnologia, racismo e construção de mundos possíveis. **Psicologia & Sociedade**, v. 35, e277141, 2023.

SANTOS, M. F.; FETZNER, A. P. **Mulheres migrantes**: invisibilidade no processo migratório

e dificuldade de inserção no mercado de trabalho decente brasileiro. In: XVI SEMINÁRIO INTERNACIONAL DEMANDAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, Santa Cruz do Sul. Anais [...]. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2019.

TONHATI, T.; CÓRDOVA, L. P. Mulheres imigrantes, solicitantes da condição de refugiado e refugiadas no Brasil: uma agenda de pesquisa no OBMigra. In: CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; SILVA, S. L. (org.). **Relatório anual OBMigra 2023**: OBMigra 10 anos. Brasília: OBMigra, 2023. p. 193–210.